



DOI: 10.12957/transversos.2022.70465

## NARRATIVAS DE UM IMIGRANTE HAITIANO: EXPERIÊNCIAS DE ORGANIZAÇÃO E RESISTÊNCIA

### NARRATIVES OF A HAITIAN IMMIGRANT: EXPERIENCES OF ORGANIZATION AND RESISTANCE

Ana Paula Santana de Souza

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

[anasantanapsico@gmail.com](mailto:anasantanapsico@gmail.com)

Karla Cunha Pádua

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

[karlacunhapadua@gmail.com](mailto:karlacunhapadua@gmail.com)

#### Resumo:

A última década é marcada pelo expressivo fluxo migratório de haitianos para o Brasil, sendo parte das migrações contemporâneas que privilegiam o eixo sul-sul como destino. Este fenômeno impõe desafios para a sociedade brasileira, já que vem acompanhado de debilidades de políticas públicas para promover acolhida, condições de vida e trabalho. O objetivo deste texto é apresentar a percepção de um imigrante, fundador da primeira associação de haitianos no Brasil. Em sua entrevista narrativa, ele relata questões socioeconômicas que representam dilemas quanto à garantia de direitos humanos para os imigrantes em território brasileiro.

#### Abstract:

The last decade is marked by the expressive migratory flow of haitians to Brazil, being part of the contemporary migrations that privileges the south-south axis as destination. Such phenomenon impose challenges to the brazilian society, given that it follows the debilities of the public policy on promoting reception, living conditions and work. This text's objective is to present the perception of an immigrant, founder of the first haitian union in Brazil. In his narrative interview, the subject reports socioeconomic issues that represents dilemmas regarding the assurance of human rights for the immigrants in brazilian territory.

**Palavras-Chave:** Migração Contemporânea; Haitianos; Entrevista Narrativa; Direitos Humanos.

**Keywords:** Contemporary Migration; Haitians; Narrative Interview; Human Rights.

#### 1. Introdução

Este texto é parte de uma pesquisa de mestrado na qual foram entrevistados educadores de imigrantes, entre eles Fedo Bacourt, um imigrante haitiano, fundador da União Social dos Imigrantes Haitianos (U.S.I.H.). Embora tal pesquisa tivesse como objetivo conhecer experiências de acolhimento promovidas por organizações sociais e conhecer as estratégias pedagógicas de

educadores de imigrantes adultos, o entrevistado trouxe diversos aspectos da vida dos imigrantes. Como veremos, o haitiano mobiliza seus esforços para que compatriotas consigam se estabelecer no Brasil, por isso questões relacionadas à subsistência e conquista de trabalho digno são marcadamente presentes em sua narrativa.

Realizamos, portanto, uma pesquisa qualitativa, de natureza biográfico-narrativa que, segundo Bolívar (2002), cujo enfoque busca conhecer as histórias contadas pelos entrevistados a partir de suas vivências e os pesquisadores são chamados a interpretar os acontecimentos sociais à luz das histórias que os atores narram. O procedimento utilizado foi a entrevista narrativa, que segundo Flick (2004) consta de apenas uma única questão gerativa, formulada de modo a deixar o entrevistado narrar suas experiências sem a interrupção do pesquisador, adiando suas intervenções para a parte final da entrevista.

Este modelo de entrevista, não possui um roteiro como uma entrevista semiestruturada. Ela parte de uma única questão aberta, questão gerativa ou geradora. Esse procedimento permite que os participantes da pesquisa tragam novos elementos para a discussão da temática da pesquisa, permitindo um trabalho coletivo entre pesquisador e entrevistados. Segundo Silva e Pádua (2010), nas entrevistas narrativas as categorias de análise não são propostas previamente pelo pesquisador, como nas entrevistas semiestruturadas.

Assim sendo, a questão gerativa que utilizamos pedia ao entrevistado para contar sua experiência na educação com imigrantes adultos, começando por quando iniciou esse trabalho, quais as motivações e qual a relação desta atuação com o movimento social que participa. Pretendíamos compreender os modos de fazer e as concepções que orientavam as práticas na educação não formal. Pedimos ainda, que comentasse sobre a atual situação dos imigrantes no país.

Na entrevista narrativa realizada com Fedo Bacourt, ele contou sua trajetória e percepções sobre as condições de acolhimento aos imigrantes no Brasil, abordando os desafios no enfrentamento ao racismo e à xenofobia. Relatou o trabalho que desenvolveu para ensinar os haitianos a língua portuguesa, mostrando grande senso de solidariedade, o que o levou a atuar como defensor dos direitos humanos e trabalhistas. Contou do seu trabalho incansável para garantir condições de trabalho dignas para seus compatriotas, o que o fez fundador da primeira associação de haitianos em solo brasileiro, representando e mobilizando mais de 40 mil imigrantes. O seu relato contempla seu percurso de vida desde quando veio para o Brasil em 2013

em busca de ‘um lugar para recomeçar’, até o momento da entrevista realizada no mês de novembro do ano de 2021.

Quando do terremoto no Haiti no ano de 2010, o entrevistado morava em Porto Príncipe, era professor de história no ensino médio, proprietário de um Instituto de Línguas, onde ministrava aulas de francês de inglês. Com a catástrofe, presenciou o prédio do seu instituto desabar, perdeu muitos amigos e familiares. Sua história no Haiti é de muito esforço e trabalho, sempre disposto a ajudar. Essas características fizeram dele no Brasil, um líder para os haitianos que aqui chegaram.

Neste texto apresentaremos as reflexões de Fedo Bacourt sobre a migração haitiana para o Brasil na década de 2010. Mostraremos suas percepções sobre a busca dos imigrantes por direitos básicos no país de acolhimento, como trabalho, educação e respeito aos direitos humanos.

## **2. O deslocamento de haitianos para o Brasil na última década**

Processos sociais, políticos e econômicos perpassam os deslocamentos populacionais, que são parte da formação das sociedades. O deslocar e o migrar sempre estiveram presentes na história. Homens e mulheres cruzam fronteiras por diversas motivações e são inúmeras as abordagens que podem ser feitas ao nos debruçarmos sobre esse fenômeno.

A chamada “migração Sul-Sul”, que se conforma a partir dos deslocamentos humanos entre e em direção aos países da América Latina, demonstra, na última década, “a complexidade e heterogeneidade da imigração internacional, que fez do Brasil um país de destino” (BAENINGER *et al.*, 2018, p.13). Os números mostram essa realidade, e nos centros urbanos das grandes cidades podemos observar a diversidade cultural.

A década de 2010 (2011-2020) é reconhecidamente uma das décadas mais dinâmicas no contexto migratório do país. Na segunda metade da década, os imigrantes haitianos e venezuelanos foram responsáveis pela consolidação da imigração latino-americana e caribenha como principais lugares de origem dos imigrantes no Brasil (CAVALCANTI; OLIVEIRA; SILVA, 2021). Em ambos os casos, o deslocamento é fruto de razões adversas, que fogem à simples vontade dos imigrantes. Para Desrosiers (2020, p. 182), “a migração contemporânea, do ponto de vista teórico, pode ser entendida como uma imigração de crise”. Este conceito é usado quando o motivo para a migração está nas condições socioeconômicas e humanitárias do próprio local de origem, com um sentido de uma “emigração forçada”.

O deslocamento dos haitianos para o Brasil a partir de 2010, por exemplo, tem como marco uma catástrofe natural, quando a cidade de Porto Príncipe foi devastada por um terremoto de magnitude 7.3 na Escala Richter. Esse evento deixou mais de 220.000 mortos, cerca de 300.000 feridos, 1,5 milhão de desabrigados e 660.000 pessoas deixando o país. Os impactos desse terremoto aumentaram os desafios socioeconômicos que o Haiti enfrenta historicamente, quanto às condições de vida do seu povo (OIM, 2015).

Assim, a emigração de haitianos para o Brasil, se tornou uma opção em busca de melhores condições de vida. As relações diplomáticas entre Brasil e Haiti, consolidadas desde a década de 2000, possibilitaram ingresso e permanência no país. Antes do terremoto, o país recebia imigrantes com visto de estudante pelos Programas de Graduação (PEC-G) e de Pós-Graduação (PEC-PG), estabelecidos entre os Ministérios da Educação e das Relações Exteriores do Brasil e o Haiti. Ademais, “já havia um interesse dos haitianos pelo país, fruto da ‘aproximação’ forçada com os militares brasileiros que faziam parte da Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti (MINUSTAH), que o país liderou por 13 anos” (DESROSIERS, 2020, p.188). Para o autor, tal Missão significou um ataque à soberania nacional do povo haitiano. Somado a este aspecto político, Seienfus (2018) sustenta que a MINUSTAH foi responsável pela introdução do cólera no país em 2010, o que matou mais de 10 mil haitianos.

Neste contexto de crise política e econômica, com graves impactos locais causados pelo terremoto descrito anteriormente, o Brasil surge como perspectiva de melhores condições, já que iria sediar dois eventos esportivos internacionais, aumentando a promessa por empregos. Por essas razões, o número de imigrantes haitianos residindo no Brasil saltou de 595 (quinhentos e noventa e cinco) em 2010, para 149.085 (cento e quarenta e nove mil e oitenta e cinco) em 2020. Assim, por quase toda a década (2011 – 2020), os haitianos foram a maior nacionalidade estrangeira no país, ficando a partir do ano de 2015, apenas atrás dos venezuelanos (CAVALCANTI; OLIVEIRA; SILVA, 2021). O Brasil se torna uma rota de acolhimento, mesmo que o sentido estrito da palavra acolhimento não esteja presente no cotidiano da vida imigrante.

A narrativa de Fedo Bacourt nos força a pensar na necessidade de recepção e inclusão de fato de imigrantes e refugiados no Brasil. Esse feito passa, necessariamente, por reconhecer as opiniões e vivências dos próprios imigrantes. Nesta perspectiva, concordamos com Lara e Limberti (2015, p.7) que “a História é, em geral, contada do ponto de vista do dominador. A voz do outro – o dominado – é abafada, silenciada”, ainda que seu eco se mantenha “nos vãos, nas

fissuras do sistema, esperando a oportunidade de ser ouvida”. Esta é mais uma das tantas vezes em que Fedo Bacourt fez sua voz ser ouvida, representando milhares de imigrantes haitianos

### **3. A exploração do trabalho imigrante no Brasil**

Antes de decidir que o Brasil seria o seu destino, Fedo conta que foi para a República Dominicana trabalhar. Inicialmente pretendia passar poucos meses, porém, em uma visita ao Haiti percebeu que a situação no país havia piorado. Retornou para a República Dominicana e por lá permaneceu por três anos, entre os anos de 2010 e 2013. Trabalhou com turismo, fazendo traduções para o inglês e francês. Logo percebeu o grande fluxo de turistas russos, e aprendeu o idioma, como nos contou:

Eu tive que sair do Haiti para a República Dominicana. Era para passar uns dois meses, porque o prédio da escola caiu na minha frente, eram dois andares. Quando cheguei na República Dominicana, não voltei para o Haiti, pela situação do país, continuava muito ruim, mesmo passado meses do terremoto (Bacourt, 2021).

O irmão, que estava no Canadá, sugeriu que o Brasil tinha melhores condições de trabalho que a República Dominicana. Fedo não conhecia o país, não sabia falar português, mas passou a pesquisar e viu possibilidades de trabalhar por aqui como tradutor e professor. Nesta época, recebia notícias de haitianos em terras brasileiras, contando da alta empregabilidade e da possibilidade de envio de remessas para seus familiares. Decidido, compra uma passagem e em uma madrugada fria chega no aeroporto de Guarulhos, ainda sem saber para onde ir, como relata o entrevistado:

(...) então eu decidi entrar no centro de São Paulo. Chegando no Centro, eu conversei a primeira vez com um africano que fala francês, ele mesmo me ajudou a chegar na Missão da Paz. Chegando lá, contei minha história, (...) no albergue me acolheram. Na Missão da Paz eu passei de 23 de agosto de 2013 até janeiro de 2014. Lá eu estudei português, fiz uma cartilha para os haitianos, aprendi sobre os direitos. Eu ajudei bastante os haitianos, para aprender o português e seus direitos no Brasil (Bacourt, 2021).

Experiências como a da “Missão Paz”, entidade coordenada por religiosos, com atuação em São Paulo – SP, nos diz muito sobre a solidariedade entre povos. Esta instituição é referência no acolhimento de imigrantes e refugiados, realiza ações de apoio a documentação, promoção de debates públicos, mediação com empregadores para contratação de imigrantes, qualificação profissional e aulas para ajudar os imigrantes a lidar com dificuldades linguísticas ou de tecnologia. Na sede da instituição, há um espaço de acolhida.

Fedo foi apelidado de deputado, por ser uma pessoa que ajudava a todos, especialmente nas traduções. No início de 2014 foi trabalhar em uma obra no aeroporto de Guarulhos. Levou

onze haitianos e ajudava nas traduções. Seu objetivo naquele momento era encontrar uma escola para ensinar línguas, mas, como a maioria dos imigrantes, foi na construção civil que se inseriu.

Neste período, percebeu a necessidade de organização dos haitianos, superexplorados no trabalho e sem conhecer a língua. Os compatriotas o procuravam sempre que tinham problemas no trabalho. Assim surge a ideia da associação, para aliar ajuda mútua e auto-organização: “foi ali que eu os juntei e falei, pelos problemas que os haitianos estão encontrando, vão precisar de nós que já sabemos o português e as leis, (...) e comecei com a Associação”, conta o imigrante haitiano.

O ensino da língua portuguesa significou uma estratégia de mobilização e resistência, como nos relatou:

Quando a gente começou [a associação], a primeira coisa que a gente ensinava para eles era a língua. Porque é a primeira arma que a gente precisa no país que a gente chega, no país de migração para poder sobreviver. Para comer, para tomar água, para trabalhar, precisamos primeiro da língua portuguesa. Eu incentivei todo mundo para aprender a língua portuguesa. Na época eu fiz para ajudar melhor, eu fiz um livrinho em francês e português. Eu fiz em francês porque eu vi que os africanos também precisavam, porque lá dentro da Missão da Paz teve muito congoleses, pessoas do Congo (Bacourt, 2021).

Mesmo àqueles que aprenderam a língua portuguesa, passaram por dificuldade de aceitação nos locais de trabalho. Nosso entrevistado atuava no intuito de encontrar vagas de trabalho para os seus colegas. Na Missão Paz havia um departamento próprio para isso, e quando ele ficou sabendo que havia uma vaga de engenheiro em uma construtora, logo se mobilizou, como conta:

Tem um rapaz que era engenheiro no Haiti, eu encontrei uma empresa que pedia haitianos, eu falei “Sereme, vamos pegar uma chance, eu vou levar você lá para ver se você pode trabalhar, mesmo não como engenheiro, mas como mestre de obra, como encarregado, talvez pode.” Eu o levei lá, a moça que estava fazendo a entrevista falou “Moço, a gente pega só ajudante de pedreiro. Você quer ser ajudante de pedreiro?” Eu falei: “Moça, ele é engenheiro.” Ela falou: “Vocês não são haitianos?” Falei: “Sim, somos e daí.” Mas eu já recusei o trabalho. Eu falei “Sim, somos e daí.” Porque eu falei “Ele é engenheiro, por que não pode ter um trabalho digno como engenheiro? Ou como mais ou menos encarregado?” Falou: “Aqui, amigo ou vocês estão aqui para trabalhar de auxiliar de limpeza e ajudante de pedreiro” (Bacourt, 2021).

A onda migratória de haitianos para o Brasil, dos anos de 2013 a 2016, tinha como perspectiva o trabalho na indústria da construção civil, tendo em vista que o país seria sede da Copa do Mundo e das Olimpíadas, o que geraria grande demanda de obras. Profissionais

qualificados se deslocaram, porém, para a mão de obra haitiana, empregadores destinavam os postos que não exigiam qualificação profissional. Sobre isso conta Fedó:

O problema é que muitos dos haitianos que estão no Brasil têm uma boa escolaridade, estudaram bastante. Essa situação é difícil, de como os empregadores tratam os haitianos. Nós recebemos [salário] diferente das outras pessoas aqui no Brasil. A maioria dos haitianos estão trabalhando de bico, sem carteira porque falta documento, RG. Tem alguns que só tem um protocolo [documento provisório enquanto o imigrante aguarda a emissão do CPF e carteira de trabalho]. Outros têm CPF e carteira de trabalho, mas não têm o RG. Isso aí para nós é muito complicado. A falta de documentos gera desemprego entre os imigrantes haitianos (Bacourt, 2021).

Para melhor compreender a questão exposta por Fedó e elucidar a relação emprego, renda e escolaridade dos imigrantes, lançamos mão de pesquisa na base de dados oficial do Ministério do Trabalho. Os dados consolidados da RAIS-CAGED<sup>1</sup> pelo período de 2011 a 2020 mostram que o setor com mais admissões de imigrantes foi o de frigoríficos, seguido de construção de edifícios, restaurantes e comércio varejista. São setores com remunerações baixas, que exigem menor qualificação.

Vemos que o total de imigrantes no mercado de trabalho formal passou de 62.423, em 2011, para 181.385 ocupados em 2020, sendo deste total 71.000 haitianos, e destes 62,03% possuem ensino médio completo ou superior (BRASIL, 2020). Mesmo assim, esses trabalhadores estão incorporados em funções que exigem menor qualificação e onde as remunerações são baixas, em média dois salários-mínimos. Ao considerar aqueles que estão no mercado informal, a situação é ainda mais alarmante, quanto à renda e condições de trabalho.

No Brasil tinha trabalho e os haitianos precisavam de um lugar para continuar a vida, não parar [...] na construção em São Paulo eu só vejo imigrantes, imigrantes internacionais ou nacionais. São baianos, pernambucanos, maranhenses. Os companheiros que eu tenho são todos de fora de São Paulo. Os haitianos precisam fazer hora extra porque ajudam as famílias lá no Haiti, aí algumas pessoas aproveitam disso. Não seguem a lei e fazem trabalhar até meia-noite. E ainda fazem pressão, dizendo que mandam embora se eles não ficarem até tarde (Bacourt, 2021).

O Relatório Anual do Observatório das Migrações do ano de 2021, conforme exposto por Cavalcanti, Oliveira e Silva (2021), confirma as percepções de Fedó sobre o mercado de trabalho. Entre 2011 e 2019, a média salarial verificada para as pessoas solicitantes e refugiadas latino-americanas foi invariavelmente inferior àquela observada para o mercado de trabalho em geral. No ano de 2019, esses trabalhadores recebiam 53,1% menos que a média salarial verificada

---

<sup>1</sup> Trata-se de um portal do Ministério do Trabalho e Previdência que reúne as informações sobre a movimentação do trabalho e emprego no Brasil. A sigla CAGED é uma abreviação para Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. A sigla RAIS refere-se a Relação Anual de Informações Sociais.

no mercado formal de trabalho em geral. Tal fato, como expõe nosso entrevistado, representa uma decepção para os imigrantes: “Para os haitianos, é um choque, porque vem médicos, engenheiros e professores, e aí, são todos misturados em uma só coisa. As mulheres na limpeza, os homens na construção civil. A maior decepção é não exercer sua profissão por causa do racismo”.

A exploração da mão de obra imigrante é uma das formas de alimentar a rentabilidade do capital. Os capitalistas do país de destino, no caso o Brasil, se beneficiam pela superexploração de trabalhadores, que sem alternativas, ficam sujeitos a aceitarem as piores condições para o trabalho. O país de origem, por sua vez, acaba por se favorecer com o envio de remessas e sobretudo, com o amortecimento de conflitos internos, ao passo que a quantidade de pessoas em vulnerabilidade diminui.

Sendo assim, o trabalhador imigrante fica sujeito à exploração da sua força de trabalho em condições subnormais por conta da sua dificuldade de inserção social. Por essas razões, a defesa dos direitos humanos foi o mote para a criação da associação e o centro de atuação de Fedo e demais lideranças.

Para fundar a associação obteve ajuda de uma central sindical brasileira. Na época, início de 2015, os registros federais constavam de 46 mil haitianos no Brasil. Conseguiram a representação destes imigrantes, assim, fundaram a USHI - União Social dos Imigrantes Haitianos. Uma coordenação foi criada, que se reunia para debater os problemas e encontrar soluções. Angariaram apoio político e sistematizaram as principais bandeiras de atuação da Associação. No senado, protocolaram uma petição, contendo as principais reivindicações dos haitianos em solo brasileiro:

(...) O maior problema que nós temos aqui é com moradia e depois de moradia é o trabalho. Agora, para ter trabalho precisamos dos documentos, o que precisamos é que os documentos saiam rápido, para conseguir trabalho digno. Precisamos também, da revalidação dos documentos, que cada haitiano entre no Brasil com o seu documento, podendo exercer o trabalho do seu diploma (Bacourt, 2021).

A maioria dos instrumentos legais que regulam a migração trata sobre o fornecimento de documentação aos imigrantes que os deixem aptos para participação na sociedade brasileira.



Vejamos que, o Estatuto do Estrangeiro<sup>2</sup>, instrumento normativo da época em que os eventos relatados se desenrolaram, no que se refere aos direitos e deveres dos imigrantes, destacava, no artigo 95, que “o estrangeiro residente no Brasil goza [gozava] de todos os direitos reconhecidos aos brasileiros, nos termos da Constituição e das leis” (SENADO, 2013, p.23), devendo apresentar o documento comprovando sua situação legal no país sempre que uma autoridade o exigisse. Percebemos que a demanda dos haitianos estava contida na legislação como um direito, porém, o acesso a ele era moroso.

#### **4. Os desafios enfrentados pela União Social dos Imigrantes Haitianos**

Diante das dificuldades encontradas no Brasil, mulheres e homens vindos do Haiti fundam a União Social dos Imigrantes Haitianos. Esta iniciativa surge da necessidade de organização, para enfrentar a realidade de preconceito e discriminação que encontraram ao chegar ao Brasil. Suas ações buscavam enfrentar a situação de vulnerabilidade que deparavam ao ingressar no mercado laboral no país, tornando-se reféns da informalidade, precarização e, por vezes, má-fé e exploração ilegal de sua mão de obra, com casos de descumprimento de acordos salariais. Enfrentavam inúmeros casos de suspensão ou negativa de realizar os pagamentos de salários, configurando casos de regimes de trabalho análogos à escravidão.

A U.S.I.H passa a ser uma das primeiras entidades auto-organizadas de imigrantes no Brasil. Adquire experiência no combate ao trabalho análogo ao escravo, fruto do acúmulo de lutas e resistências concretas de seus membros fundadores. Muitos deles, antes da fundação da associação, foram vítimas de trabalho degradante, como relataram em uma série de reportagens sobre o assunto<sup>3</sup>. Sozinhos, não podiam se arriscar a fazer muito, devido à falta de documentos e preconceito. Quando se unem, passam a organizar denúncias nos órgãos públicos, palestras em universidades e escolas, debates em movimentos sociais, atos e manifestações conscientizando a população brasileira e os imigrantes de que os direitos humanos e trabalhistas devem ser para

---

<sup>2</sup> O Estatuto do Estrangeiro, instituído pela Lei n.º 6.815/80, foi, durante quase quatro décadas, o principal instrumento legal brasileiro voltado para a população imigrante em geral. Esse documento esteve em vigor até o ano de 2017, quando foi substituído pela Lei da Migração.

<sup>3</sup> Disponível em: [<https://reporterbrasil.org.br/2016/01/alguns-brasileiros-tratam-os-haitianos-como-escravos-diz-lider-de-associao-de-imigrantes/>]. Acesso em 02 nov.2022.

todos. Em suas redes sociais é possível verificar o volume de mobilizações realizadas desde a fundação da Associação<sup>4</sup>.

A partir do trabalho diário de auxílio mútuo e solidariedade entre haitianos, a associação ganha força. Fedo conta que buscavam apoio dos brasileiros, fazendo um convite para a incorporação na luta contra o preconceito:

Importante dizer que o Brasil que é mostrado pelo governo brasileiro e pelas tropas da Minustah (militares) para os haitianos no Haiti é um Brasil bem diferente do que encontramos aqui. O Brasil é acolhedor, o povo é amigo, solidário. Mas também encontramos muito preconceito e desrespeito. Queremos conversar com os haitianos sobre isso e aqui também com os brasileiros. Somos povos irmãos (Bacourt, 2021).

Além da atuação na defesa dos direitos humanos e trabalhistas, a associação passou a oferecer formação profissionalizante, assim como cursos de idioma, português e outros, e propôs uma integração fundamentada na promoção de uma vida digna para todos os imigrantes haitianos em colaboração com organizações da sociedade brasileira. Por muito tempo a U.S.H.I atuou sem regularização devido a entraves burocráticos, como explicou Fedo:

A regularização demorou mais porque nós não somos brasileiros. No Brasil têm possibilidades, mas têm também obstáculos e barreiras. Os imigrantes não têm direitos suficientes para fazer tudo o que precisam. (...) tem coisa que é só burocracia, outras é mais difícil mesmo. Formar o comitê da associação foi difícil, porque todos são imigrantes, demorou mais porque o cartório e a justiça fizeram pesquisa, junto com a Polícia Federal, para ver se alguns de nós têm visto de turismo. Quem tem o RNE [Registro Nacional de Estrangeiros] como refugiados pode criar uma associação, quem tem visto de turismo não. Esse entrave existe porque o Brasil não tem uma política migratória que libere para o imigrante se associar, para se organizar, para se construir mesmo (Bacourt, 2021).

Observando o conjunto da legislação vigente e a vivência dos imigrantes, acreditamos a Lei da Migração de 2017 representa um avanço em relação ao Estatuto do Estrangeiro de 1980, que continha claros resquícios do período de ditadura civil-militar no Brasil, submetendo as políticas migratórias à garantia da segurança nacional. Reconhecemos como avanço o conteúdo da legislação que passa a tratar o imigrante e o refugiado sob a perspectiva dos direitos humanos. Podemos ver isso nos princípios que regem a política migratória brasileira exposta no artigo 3º da Lei da Migração, no qual questões importantes aparecem, tais como: a universalidade dos direitos humanos; o repúdio e a prevenção à xenofobia, ao racismo e a quaisquer formas de discriminação; a não criminalização da migração; a promoção da entrada regular e da regularização documental; a acolhida humanitária; a inclusão social, laboral e produtiva do migrante por meio de políticas

---

<sup>4</sup> Disponível em: [<https://www.facebook.com/USHAITIANOS.ORG/>]. Acesso em 02 nov.2022.

públicas; o acesso igualitário do migrante a serviços, programas e benefícios sociais, como educação, assistência jurídica, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social (BRASIL, 2017).

Termos como ilegais, clandestinos e irregulares constavam no Estatuto do Estrangeiro, e ainda, estava posto que a concessão de visto permanente ao estrangeiro, somente poderia ser feita para àqueles que pretendessem se fixar definitivamente no Brasil desde que a imigração objetivasse “primordialmente, propiciar mão-de-obra especializada aos vários setores da economia nacional, visando à Política Nacional de Desenvolvimento em todos os aspectos” (SENADO, 2013, p.14). E no artigo 38, “é [era] vedada a legalização da estada de clandestino e de irregular”, sendo tal condição passível de deportação.

Tais elementos contidos na legislação e presentes na ideologia xenofóbica fez com que no período da pandemia de covid-19, as desumanidades fossem aumentadas para os imigrantes.

Os imigrantes, especialmente os haitianos, antes da pandemia já estavam sofrendo, quando começou a pandemia, o sofrimento aumentou muito, e depois da pandemia pior ainda. Mas no meio da pandemia, quando os haitianos estavam quase sendo mandados embora, sem direito trabalhista, quando foi decretado pelo governo que a empresa podia comunicar com o imigrante sobre um acordo. As empresas aproveitaram da falta de comunicação, eles aproveitaram a oportunidade de que deu o governo, aproveitaram sobre a pessoa por ser estrangeiro ou estrangeira, para demitir essa pessoa sem fim, sem, sem, sem direitos (Bacourt, 2021).

De maneira geral, os trabalhadores informais no país foram duramente afetados durante a pandemia. Para além da queda de remuneração, houve fechamento de postos de trabalho, fazendo com que a informalidade engrossasse a coluna de desempregados.

Imagina essas pessoas ficando dentro de casa, sem dinheiro, tem que pagar aluguel, sendo mandado embora, e a maioria já estava sem emprego. O maior sustento dos imigrantes hoje, especialmente haitianos, é o Brás. Eles vendem coisas no Brás, na rua para poder sustentar, para poder pagar aluguel, para poder cuidar da família. E na quarentena houve uma repressão de policiais, eu poderia entender essa parte, porque a quarentena era decretada para poder diminuir o volume da doença. Imagina essas pessoas dentro de casa, sem pedido? A USIH teve que conseguir cesta básica para levar para essas pessoas. Para poder vir pegar uma cesta básica todo mês, para poder ajudar essas pessoas (Bacourt, 2021).

A atuação de diversas organizações sociais durante a pandemia foi essencial para garantir o sustento de milhões de pessoas. O auxílio emergencial concedido pelo governo federal demorou para ser implementado. Ademais, para os imigrantes, as dificuldades de acesso foram grandes, esbarrando em uma série de questões legais, quanto à documentação. O formulário para concessão do auxílio exigia número atualizado no Cadastro de Pessoas Físicas - CPF, o que já

vimos nas falas de Fedó, que nem todo imigrante possuía. Associado a isso, em razão da pandemia, a Polícia Federal havia suspenso temporariamente os serviços e prazos de regularização migratória, o que impossibilitou o acesso à documentação para milhares de imigrantes. Essas questões fizeram com que a Defensoria Pública da União movesse diversas ações contra o Banco Central e a Caixa Econômica Federal, principal banco responsável pelo pagamento do auxílio emergencial, para garantir o pagamento do benefício mediante apresentação de documentos brasileiros, ainda que vencidos.<sup>5</sup>

Em pesquisa nas bases do CadÚnico - Cadastro Único para Programas Sociais, adotado como uma das fontes de dados para obtenção do Auxílio Emergencial, identificamos o total de 205.643 imigrantes de todas as nacionalidades registrados em 2020. Deste total, apenas 18% foram beneficiados com o Auxílio. Nosso entrevistado relatou uma circunstância lamentável em que uma imigrante não conseguiu garantir seu sustento: “O que me revoltou bastante, foi a situação de uma jovem de 21 anos, uma menina, ela ligava para a gente, a gente não conseguiu conversar, não conseguiu ajudar. Pressão trabalhista, sofreu de racismo, passava fome, ela suicidou.”

Este relato suscita uma reflexão sobre os rumos do acolhimento aos imigrantes no Brasil. Apesar de fornecer condições de ingresso, a permanência é ainda um gargalo, especialmente quando a xenofobia está combinada com o racismo. Este é o caso dos imigrantes haitianos. Contudo, Fedó, consciente sobre a diferença entre as classes sociais, estende sua reflexão:

(...) posso dizer que essas dificuldades não são só para os imigrantes, mas também para o povo brasileiro, quando eu falo povo brasileiro é especialmente os mais vulneráveis. O desemprego, ele atingiu mais as famílias que não têm um sustento grande, a classe mais vulnerável. Especialmente as pessoas que não têm estudos, ele atingiu mais os imigrantes, especialmente a classe pobre. Dentro dessa classe pobre onde a gente encontra pessoas do norte, os negros brasileiros, os africanos, os haitianos, os bolivianos. Não são todos os imigrantes, porque tem imigrantes que são considerados como elite também. Como os imigrantes brancos, os europeus, os americanos que estão aqui. Essas pessoas não sofrem como nós, porque essas pessoas onde eles querem eles entram (Bacourt, 2021).

E de fato, a população brasileira segue sofrendo com a fome e o desemprego. São mais de 33 milhões de brasileiros que não conseguem se alimentar, associados a outros 34 milhões de trabalhadores informais que por vezes oscilam entre o subemprego e o desemprego (ANUÁRIO,

---

<sup>5</sup> O Portal Migra Mundo acompanhou as ações movidas pela Defensoria Pública da União. Disponível em: <https://migramundo.com/dpu-entra-com-acao-contra-caixa-e-bc-para-garantir-pagamento-do-auxilio-emergencial-a-imigrantes/>. Acesso em 02 nov. 2022.

2021). A pandemia de Covid-19 escancarou as contradições presentes na sociedade, revelando mazelas históricas em todos os campos dos direitos humanos.

Novos deslocamentos vão se configurando, a partir da necessidade de sobrevivência dos povos, como conta o entrevistado sobre a recente tentativa de haitianos de encontrar um novo lugar para viver:

A situação era tão triste, tão ruim, quase a população toda tava desempregada, a população imigrante haitiana. Isso criou um fluxo de saída também dos haitianos daqui. Para não ficar morrendo aqui, uma grande parte decidiu tomar estrada para os Estados Unidos. Passando pela Colômbia, Panamá, Costa Rica, Guatemala e México para entrar nos Estados Unidos. Uma parte dessas pessoas que estavam doentes, não aguentaram. Muitos migrantes haitianos, morreram na rua, nessa estrada. Mãe no barco com filho, vendo a criança cair e a água vai embora com essa criança e não volta nunca mais, são situações tristes. Tudo isso aqui foi criado pelo desemprego, pela situação de desemprego no Brasil. Essa situação de desemprego não é só no Brasil, tem também nos Estados Unidos, tem também em outros lugares (Bacourt, 2021).

Ainda não é possível saber todos os impactos da pandemia para a situação da migração no mundo, já que somente após dois anos de altos índices de contaminação e mortes, houve um controle parcial da situação. Porém, é possível observar retrocessos e poucos avanços, sobretudo, do ponto de vista do discurso ideológico preconceituoso contra os imigrantes em diversos locais no mundo. No Brasil, o até então presidente do país, Jair Bolsonaro, manifesta opinião preconceituosa em relação aos imigrantes.

##### **5. Um novo espaço de afetos: o Brasil segue como alternativa**

Uma das formas encontradas pelas comunidades imigrantes para enfrentar as dificuldades nos países para onde se deslocam, é a manutenção da proximidade entre pessoas da mesma nacionalidade, bem como garantir os vínculos culturais com sua terra natal. Fedo conta que a ajuda mútua sempre esteve presente para combater a vulnerabilidade social, sendo uma forma de garantir que os compatriotas permanecessem no Brasil, já que no Haiti, não há sinais de melhora:

É nosso costume: um ajuda o outro; um faz comida e manda para o vizinho. Se um tem divide com o outro. Porque lá no Haiti a fome tá muito grande. Além da fome que tem no Haiti, tem uma insegurança; bandidos sequestram pessoas, não têm escola, não tem saúde, tudo é pago, e a população está economicamente caindo cada vez mais. A miséria está abrindo portas cada vez mais no Haiti (Bacourt, 2021).

Completo dizendo que procuram manter na alimentação as comidas típicas do Haiti. Observamos que, para além da defesa dos direitos dos haitianos, a atuação da associação

contribuiu para que os haitianos formassem um novo espaço de afetos no Brasil, mantendo sua cultura. Essas experiências de trocas, não sustentam apenas a necessidade de comida, alimentam a necessidade de vínculos, já que existe um sofrimento causado pelo desprendimento do lugar de origem, em que os hábitos e costumes já foram consolidados. É comum nas comunidades de imigrantes a preocupação em auxiliar na subsistência e na incorporação efetiva na sociedade.

Outro elemento é a busca pelo bem-estar linguístico. Nos momentos de reunião ou mesmo em conversas informais, a língua predominante é o crioulo, como relata:

Até com minha esposa, é só em crioulo. Com as minhas filhas, a conversa é em crioulo, elas nasceram aqui, mas a gente conversa em crioulo, a segunda não quer falar crioulo não, mas a gente conversa com ela em crioulo e ela responde em português. Todas as reuniões a gente faz em crioulo, só que a gente faz as atas em português (Bacourt, 2021).

O entrevistado fala com orgulho da sua língua, o crioulo haitiano, falada por quase a totalidade da população do Haiti, que quando migram para outras localidades, mantêm a tradição de se comunicarem usando sua língua materna. O idioma, dessa forma, pode ser considerado como língua de resistência, como afirma Grosso (2010). Antes da colonização do Haiti pela França, o crioulo era preponderante entre os haitianos. Com a colonização, passou a ser proibido em algumas localidades e a língua oficial passou a ser o francês.

Para libertar-se da colonização francesa, o povo haitiano organizou-se e fez uma revolução: a primeira revolução negra e vitoriosa da América Latina. Esse evento histórico fez cair a escravidão no Haiti e repercutiu em todos os países vizinhos, fazendo acontecer um processo de luta em cadeia contra a escravidão. É com o orgulho desta vitória que os haitianos falam da sua língua.<sup>6</sup>

Fedo se casou no Brasil com uma imigrante haitiana. Juntos, tiveram duas filhas. Cavalcanti, Oliveira e Silva (2021) comentam que, desde 2016, os arranjos entre cônjuges migrantes passaram a ter maior participação relativa no total de casamentos, sendo observado em 2019 um aumento de seis vezes em relação a 2011.

---

<sup>6</sup> Para melhor compreensão da Revolução Haitiana indicamos a leitura do Artigo 'Haiti: significado histórico, realidade e perspectivas, de autoria de Cláudia Durans e Rosenverck Santos. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/5961>. Acesso em: 2 nov. 2022.

Apesar de existirem inúmeros desafios impostos para a sociedade brasileira quanto ao acolhimento aos imigrantes, a comunidade haitiana quer se estabelecer no país. O último projeto da associação, diz respeito a reunião de membros da família que ainda não vieram para o Brasil,

O último projeto que nós temos agora, é um projeto que eu acho que é o maior de todos, não sei se é fácil ou é difícil também, é um projeto de Reunião Familiar. Tem quase três mil haitianos cadastrados para a Reunião. Acho que se esse pedido de União Familiar fosse aceito e saísse do TRF, não teríamos palavras para agradecer o Brasil. Mesmo sem trabalho, aqui é melhor que o Haiti cinquenta mil vezes (Bacourt, 2021).

A reunificação familiar é garantida pela Lei da Migração e por tratados internacionais assinados pelo Brasil, sendo o principal deles a Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias. Trata-se de um direito que não deveria gerar tantas complicações, como temos acompanhado, especialmente após novos eventos que elevaram a instabilidade política e econômica no Haiti, como o terremoto do ano de 2021, o assassinato do presidente Jovenel Moise e o fortalecimento de gangues criminosas.<sup>7</sup>

É tarefa para nós brasileiros, sobretudo das instituições do estado, dar efetividade ao acolhimento. Isso significa, não só dar condições de ingresso e documentação, mas também promover bem-estar em todos os sentidos. Uma das questões levantadas por Fedo trata sobre o aprendizado da cultura brasileira, entendendo cultura como relações sociais e funcionamento da sociedade:

Os migrantes chegam no Brasil e precisam aprender: como funciona o sistema educacional brasileiro? Meu filho estava em outra série, mas aqui a educação infantil é por idade. Meu filho já sabe ler e escrever, mas está numa turma onde os alunos ainda não sabem. Eu quero que ele mude e avance de turma.” Mas existe um sistema aqui. (...) Ele precisa de entender como que funciona o processo de matrícula na escola, de inscrição. Em relação ao sistema de saúde, outros agentes como o CRAS (...) (Bacourt, 2021).

A chegada expressiva de novos grupos suscita problematização acerca destes temas e sobre a eficácia (ou ineficácia) das políticas públicas para o acolhimento. Desde 2020, mais de 200 mil

---

<sup>7</sup> O Instituto Tricontinental de Pesquisa Social afirma que o assassinato do presidente do Haiti em julho de 2021 é mais um episódio da grave crise política que assola o país. Investigações apontam a probabilidade de que o assassinato possa ter sido comandado por uma conspiração que incluía o partido governante, quadrilhas de tráfico de drogas, mercenários colombianos e serviços de inteligência dos EUA. Mais sobre o assunto pode ser consultado no site do Instituto. Disponível em: [<https://thetricontinental.org/pt-pt/newsletterissue/haiti-insurrection-military-intervention/>]. Acesso em 09 nov.2022.

novos imigrantes chegaram ao país, segundo o Observatório das Migrações Internacionais no seu relatório anual de 2021. Neste período recente, um novo fluxo de venezuelanos engrossa as fileiras dos mais de 1,3 milhões de imigrantes que residem no país.

Esperamos que a nossa sociedade possa estar preparada para seguir recebendo irmãos de outras nacionalidades. O respeito pelo outro implica necessariamente o respeito ao contexto cultural (FREIRE, 1993, p.86). Aceitar o outro em sua inteireza, significa respeitar formas de expressão, linguagem, saberes culturais advindos de práticas sociais, enfim, respeitar a sua cultura. Esses elementos se tornam imprescindíveis considerando que a sociedade em que vivemos é violenta e opressora e “impõe uma identidade única, rejeitando toda e qualquer diferença” (VEIGA-NETO, 2003, p.23). Esse caráter monocultural e eurocêntrico é a base para o acirramento de posições xenófobas, como vemos na atualidade.

## **6. Considerações Finais:**

A percepção de Fedó, em sua narrativa, nos leva a concordar com Grosso (2010, p.66) sobre as razões dos deslocamentos. Para a autora, raramente alguém deixa o seu espaço de afetos se não tiver uma forte motivação que passa, muitas vezes, pela própria sobrevivência e pela melhoria das condições de vida. Quem se desloca, enfrenta mudanças profundas em todas as dimensões de sua vida. O relato de Fedó Bacourt, com toda sua profundidade sobre a experiência humana, nos força a olhar o fenômeno das migrações contemporâneas com mais humanidade.

Pelo exposto, acreditamos que a migração vai além do deslocamento físico, é sobretudo, as vivências sociais e políticas, construídas a partir das relações que os sujeitos estabelecem. Desta forma, corroboramos com a concepção Lisboa (2006) de que o fenômeno migratório envolve o cruzamento de fronteiras territoriais e políticas, além de um processo de desenraizamento do local de origem seguido de um novo enraizamento no local de chegada. Dessa forma, é válido compreender não apenas as circunstâncias que impulsionam os deslocamentos, mas também o(s) modo(s) como os sujeitos migrantes são acolhidos e subsistem no país receptor.

Importa destacar que questões como estas, relacionadas aos direitos dos imigrantes, emergiram em uma pesquisa biográfico-narrativa (BOLÍVAR, 2002) que buscava conhecer as estratégias pedagógicas dos educadores de imigrantes. Nesse sentido, procuramos trazer partes



importantes da narrativa de Fedo Bacourt que abordam o tema dos direitos humanos, foco desse Dossiê.

### Referências Bibliográficas:

- ANUÁRIO Estatístico do ILAESE: *Trabalho e Exploração*. V.1, nº3; São Paulo, ILAESE, 2021.
- BACOURT, Fedo. [entrevista concedida a] Ana Paula Santana de Souza. *Dissertação (Mestrado) estratégias pedagógicas e intencionalidade política na educação de imigrantes adultos*. p. 194-210, Belo Horizonte, 2021.
- BAENINGER, Rosana; et al. (org). *Migrações Sul-Sul*. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018.
- BRASIL. Ministério da Economia. Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho. *Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)*. Brasília, DF, 2020.
- \_\_\_\_\_. Congresso Nacional. Lei n. 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 maio de 2017, Seção 1, p. 1-7.
- BOLIVAR, Antonio. “De nobis ipsis silemus”: epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. In: *Revista Electrónica de Investigación Educativa*.v. 4, n. 1, p. 40-65, 2002. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=15504103>>. Acesso em: 03 jun. 2020.
- CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. Relatório Anual 2021 – 2011-2020: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil. Série Migrações.Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021
- DESROSIERS, Ismane. A Luta pelo Espaço: a Situação dos Imigrantes Haitianos no Centro de São Paulo. *Espaço Aberto*, Rio de Janeiro, V. 10, N.2, p. 185-203, 2020
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- FLICK, Uwe. As narrativas como dados. In: FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2ª ed. Porto Alegre, Bookman, 2004.
- GROSSO, Maria J. Língua de acolhimento, língua de integração. *Horizontes de Linguística Aplicada*, v. 9, n.2, p. 61-77, 2010.
- LARA, Gláucia Muniz Proença; LIMBERTI, Rita de C. P. (orgs). *Discurso e (des)igualdade social*. Belo Horizonte: Contexto, 2015.
- LISBOA, Teresa Kleba. Gênero e migrações: trajetórias globais, trajetórias locais de trabalhadoras domésticas.REMHU: "Projeto migratório", v. 14 n. 26/27, 2006.
- OIM. La migration haïtienne vers le Brésil: caractéristiques, opportunités et enjeux. *Cahiers*

migratoires, n. 6, 2015.

SEITENFUS, R. *Les Nations Unies et le choléra en Haiti: coupables mais non responsables?* 1. ed. Port-au-Prince: C3 Éditions, 2018.

SENADO FEDERAL. *Estatuto do Estrangeiro: Regulamentação e legislação correlata*. Brasília: Senado Federal, 2013.

SILVA, Santuza Amorim da; PÁDUA, Karla Cunha. Explorando narrativas: algumas reflexões sobre suas possibilidades na pesquisa. In: CAMPOS, Regina Célia Passos Ribeiro de. (Org.). *Pesquisa, Educação e Formação Humana: nos trilhos da história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SIMÕES, A; HALLAK NETO, J; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; MACEDO, M. Relatório RAIS. A Inserção do Imigrante Qualificado no Mercado Formal de Trabalho Brasileiro 2010 a 2019. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Departamento de Migrações. Brasília, DF: OBMigra, 2020.

SISMIGRA, *Sistema de Registro Nacional Migratório*. Polícia Federal. Disponível em: [\[https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733-obmigra/dados/microdados/401205-sismigra\]](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733-obmigra/dados/microdados/401205-sismigra). Acesso em 05 julho 2021.

SOUZA, Ana Paula Santana de. *Estratégias pedagógicas e intencionalidade política na educação de imigrantes adultos: narrativas de educadores*. 233 p. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2022

STI-MAR, *Sistema de Tráfego Internacional, Módulo de Alertas e Restrições*. Polícia Federal. Disponível em: [\[https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733-obmigra/dados/microdados/401293-sti-mar\]](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733-obmigra/dados/microdados/401293-sti-mar). Acesso em 05 julho 2021.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 05-15, maio/ago. 2003.

\*\*\*

#### Sobre as autoras:

**Ana Paula Santana:** Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Formação Humana da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais- PPGE/FAE/UEMG, na Linha de pesquisa: Culturas, Memórias e Linguagens em Processos Educativos. Pós-graduada em psicopedagogia e graduada em Pedagogia. Pesquisadora do ILAESE - Instituto Latino Americano de Estudos Socioeconômicos conduzindo formação política com movimentos sociais. Temas de estudo: Migração contemporânea; ensino de adultos; práticas pedagógicas; narrativas.

**Karla Cunha Pádua:** Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestre em educação e graduada em ciências sociais pela mesma instituição. É professora de Sociologia: Sociedade e Educação na Faculdade de Educação (FaE-CBH) e membro do quadro permanente de professores do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

\*\*\*

**Artigo recebido para publicação em:** 30 de setembro de 2022.

Artigo aprovado para publicação em: 25 de novembro de 2022.

\*\*\*

**Como citar:**

SOUZA, Ana Paula Santana de; PÁDUA, Karla Cunha. Narrativas de um imigrante haitiano: experiências de organização e resistência. *Revista Transversos*. Dossiê: Imigração no Tempo Presente: Experiências de Vida e Direitos Humanos no Brasil. Rio de Janeiro, n°. 26, 2022. pp. 11-29. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/70465>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2022.70465

